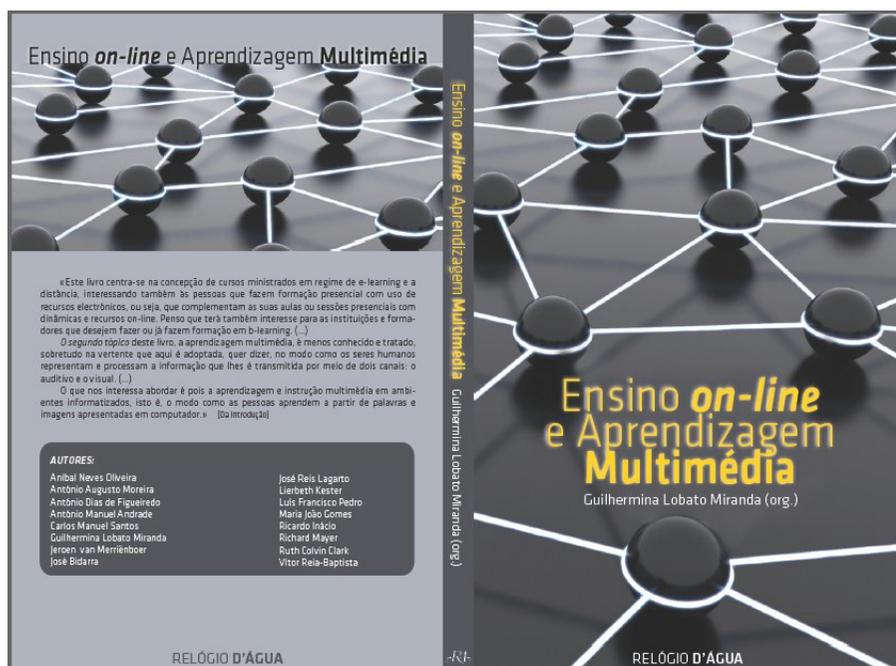


Recensão bibliográfica

Novembro de 2009

Guilhermina Lobato Miranda (org.). *Ensino online e Aprendizagem Multimédia*. Lisboa: Relógio d'Água Editores.



Ensino online e Aprendizagem Multimédia

As estratégias europeias para a competitividade passam pela qualificação e formação permanente dos seus trabalhadores. É do senso comum que a formação em regimes presenciais não vai abranger a grande maioria das pessoas que necessitam de formação nem obter os resultados esperados no tempo necessário. Assim, uma das estratégias conducentes a alcançar tais objectivos vai passar por modalidades de formação que utilizem as potencialidades da Internet, do ensino online e da distribuição de conteúdos multimédia.

A presente obra “Ensino Online e Aprendizagem Multimédia”, leva o leitor a uma viagem completa ao mundo dos novos paradigmas de ensinar e aprender.

Na verdade, nos dias de hoje já é pouco concebível perceber a educação e formação sem que pelo menos um dos conceitos analisados e discutidos nesta obra esteja associado – aprendizagem multimédia e ensino online.

O livro trata destes dois conceitos em duas partes distintas.

O ensino online é profundamente tratado na parte 1 da obra, desde a clarificação de conceitos até à sua associação aos regimes de ensino a distância. São ainda abordadas a sua conotação com expressões como e-learning e blended learning e como um meio de apoio ao ensino presencial.

Um curso online, orientado para regimes de ensino a distância não é de fácil concepção e realização.

Como refere Dias de Figueiredo, muitas das vezes um curso online não obtém sucesso por razões alheias às questões pedagógicas e de suporte tecnológico. Muitas vezes e de forma eventualmente inesperada, as razões “apontam para falhas de visão e cenarização estratégica, de planeamento da componente organizacional e de definição, afinação e gestão dos modelos de negócio.” Muito se escreve e fala sobre os menores custos do ensino online face aos cursos presenciais. Mas muito poucos autores referem que os custos devem ser analisados em contexto e muitas vezes tendo em conta presumíveis economias de escala que podem não se verificar. As opções estratégicas do modelo de negócio associado a modelos pedagógicos adequados aos contextos e públicos potenciarão o sucesso dos projectos formativos online.

Num nível mais operativo é importante não descurar o desenho pedagógico dos cursos online. O *instructional design* posiciona-se como ferramenta incontornável na concepção do curso e dos próprios conteúdos. E sabe-se que o desenho da formação e dos conteúdos têm de ter em conta as teorias da aprendizagem e as teorias da Instrução. Guilhermina Miranda leva-nos a uma viagem breve a essas teorias para desembocar na concepção de cursos online e no curso online ideal. Uma leitura atenta sobre os itens focados permite fazer uma reflexão sobre aspectos pouco tratados na literatura, tal como a existência de guiões de aprendizagem, duração e periodicidade de sessões presenciais, avaliação dos alunos pelo processo ou pelo produto, entre outras coisas.

Um aspecto importante dos cursos online tem a ver com a gestão da actividade de aprendizagem. No capítulo sobre LMS, José Lagarto e António Andrade, levam-nos ao mundo dos suportes tecnológicos que hoje existem para apoiar os cursos de formação online. Os softwares de gestão da aprendizagem (LMS ou LCMS) são analisados quanto às suas funcionalidades e potencialidades no apoio à aprendizagem. É importante perceber que um suporte de apoio à aprendizagem é algo que nalgumas instituições pode ter um peso enorme na logística. Depois de escolhido e

implementado será muito difícil voltar atrás, não só pelos custos que muitas vezes se envolvem nessas operações, independentemente de os softwares escolhidos serem livres ou comerciais, mas também pelo descrédito institucional que uma aparente escolha leviana determinou.

Num outro capítulo, da autoria de António Moreira, Luís F. Pedro e Carlos M. Santos, discute-se com rigor o papel da tutoria nos cursos online, que é comumente aceite como factor crucial para o sucesso deste tipo de cursos, especialmente se estamos em modelos centrados nas instituições, com a constituição de turmas e calendários mais ou menos rígidos. Os autores recorrem a dois modelos que, apesar de conhecidos, são pouco interiorizados e praticados. Referimo-nos aos modelos de Gilly Salmon (2002) e de Brown (2001). Ambos os modelos definem etapas para que os processos de aprendizagem se possam otimizar e relacionam essa optimização com o tempo, com os processos de maturação e socialização e com o aumento da interacção entre pares.

Numa senda de continuidade, o capítulo seguinte trata dos conceitos e práticas de avaliação na educação online. De facto, a avaliação dos cursos online pode contribuir para um dos chamados problemas clássicos do Ensino a Distância – o da sua credibilidade. Daí ser de primordial importância que os processos de avaliação destes cursos sejam transparentes e fiáveis. Consegue-se assim ombrear em credibilidade com a chamada formação presencial.

A autora, Maria João Gomes leva-nos pelos meandros dos diversos instrumentos que podem hoje em dia ser utilizados nos cursos online e que se podem encontrar nos diferentes tipos de LMS existentes. Desde a análise dos fóruns, das actividades, dos chats, aos testes disponibilizados pelas plataformas, às actividades e tarefas, aos portefólios digitais e, eventualmente, até aos testes e projectos discutidos presencialmente.

“Diversificar os momentos, fontes e instrumentos de avaliação são medidas importantes na educação a distância (online) pois ajudam o professor a construir um perfil de cada estudante através do cruzamento de informações, permitindo que todo o processo se torne mais claro e fidedigno”, refere a autora.

As comunidades virtuais são uma das ferramentas de apoio à aprendizagem que também são abordadas no livro, por Ricardo Inácio. Quando se trata de aprendizagens colaborativas o trabalho em comunidade pode ser o mais adequado. Há, no entanto, que ter em conta que estas comunidades são especiais. São criadas com um fim único, não têm geometria variável, não se estruturam e organizam como as comunidades de prática tratadas, por exemplo, por Wenger e Lave. Analisam-se neste capítulo as condições de sucesso para uma comunidade bem como as tecnologias que podem suportar a actividade comunitária. Descrevem-se as condições de funcionamento e características da Comunidade e a sua influência no sucesso dos seus membros sobretudo ao nível da aprendizagem da Matemática.

A segunda parte do livro trata dos problemas da aprendizagem multimédia. Os diferentes autores suportam-se nos discursos e linguagens dos *media* para fornecerem aos leitores pistas e reflexões centradas na teoria cognitiva da aprendizagem multimédia e na medida e avaliação da carga cognitiva em ambientes multimédia, entre outras temáticas.

Assim, no primeiro capítulo Richard Mayer explicita os pressupostos, princípios e fundamentos científicos da teoria cognitiva da aprendizagem multimédia, seguindo-se um outro texto sobre a concepção de cursos em regime de e-learning, redigido por Ruth Clark, onde esta autora analisa como estes princípios podem ser aplicadas no design dos e-cursos. A concepção de cursos tendo em vista a aprendizagem de tarefas complexas, tendo como referência os resultados mais conclusivos da investigação desenvolvida no âmbito de estudos sobre o funcionamento da memória e da aprendizagem é o objecto de análise de um outro capítulo escrito por Jeroen J. G. Merrienboer e Lierbeth Kester. Segue-se o texto de Anibal Oliveira, onde este analisa os problemas associados à medida da carga cognitiva em ambientes de aprendizagem multimédia.

No capítulo redigido por José Bidarra, discute-se de forma aprofundada a questão da interactividade, constructo importante para que o efeito sobre a aprendizagem dos produtos multimédia seja eficaz. A propósito das questões da interacção e interactividade o autor leva-nos ao

mundo dos jogos e das suas vantagens quanto às possibilidades de aprendizagem e a alguns perigos que podem encerrar. Também o e-learning é considerado um campo onde o multimédia interactivo pode desempenhar um papel crucial nas aprendizagens. As características comunicacionais associadas ao discurso multimédia interactivo constituem por si factores motivacionais extrínsecos

Na parte final somos levados, pela mão de Vítor Reia-Baptista, a reflectir sobre a necessidade de uma verdadeira literacia dos media e consequentemente sobre a Educação para os Media. A influência que os meios de comunicação de massas exercem hoje sobre as pessoas é de tal forma evidente, condicionadora, eventualmente manipuladora, que a Educação para os media devia fazer parte dos currículos do Ensino Básico de uma forma mais consistente.

Lisboa, 18 Novembro 2009

Rosa Lusitana